

Atividades de recuperação

Coração delator

É verdade! Sempre fui e sou nervoso, terrivelmente nervoso! Mas por que pretende o senhor que estou louco? A doença aguçou-me os sentidos, não os destruiu nem enfraqueceu. E, antes de tudo, o ouvido apurou-se. Ouço todas as coisas no céu e na terra: ouvi muitas no inferno. Como então, posso estar louco? Escute! e observe com que lucidez – com que calma eu lhe posso contar a história.

É impossível explicar como a primeira ideia me entrou no cérebro; porém, mal a concebi, ela perseguiu-me dia e noite. Não houve nem objeto nem paixão. Estimava o velho – que nunca me enganara nem me insultara – e não lhe cobiçava o dinheiro. Creio que foram os olhos dele. Sim, deve ter sido isso! Um de seus olhos parecia o de um abutre – uma pupila azul clara um tanto embaciada. Toda vez que ele o fixava em mim, eu sentia gelar-me o sangue; desse modo amadureci gradualmente a ideia de assassinar esse velho e, portanto, de me livrar para sempre da sua presença.

Agora, vejamos. O senhor julga-me doido. Os loucos nada sabem. Mas o senhor me deveria ter visto. Veria com que prudência agi – com que precaução, com que sagacidade e dissimulação pus mãos à obra. Nunca me mostrei tão amigo do velho quanto na semana anterior ao assassinato. Todas as noites, pela meia-noite, dava volta à chave e abria a porta do quarto dele – oh, bem de leve! Depois, sendo a abertura suficiente para minha cabeça, introduzia uma lanterna furta-fogo, de tal modo que não se visse luz alguma, e depois enfiava a cabeça na fresta. Oh, o senhor havia de rir, se visse com que habilidade eu enfiava a cabeça ali, movendo-a lentamente, muito devagar, para não perturbar o sono do ancião, Levava uma hora para introduzir toda a cabeça na abertura, a fim de poder vê-lo deitado na cama. Ah! um louco seria tão cauteloso? Depois, quando tinha a cabeça toda no quarto, abaixava a lanterna com tanto cuidado, com tanto cuidado! Porque os gonzos rangiam. Abaixava-a de maneira que um único raio de luz caísse no olho do abutre. E assim fiz sete longas noites, justamente à meia-noite; porém sempre lhe encontrei a vista fechada e, desse modo, não podia agir, não era, pois, o velho que me vexava, mas seu olho diabólico. E todas as manhãs, ao romper do dia, eu entrava-lhe resolutamente no quarto, falava-lhe corajosamente, chamando-o pelo nome, em tom amigável, e perguntando como passara a noite. Como vê, ele precisaria ser um velho muito sagaz para suspeitar de que, todas as noites, às doze horas, eu o espreitava enquanto ele dormia.

Na oitava noite, fui mais cauteloso do que de costume ao abrir a porta. O ponteiro do relógio movia-se mais depressa do que minha mão. Nunca, antes dessa noite, sentira o grau do meu poder, da minha própria sagacidade. Contive a custo uma sensação de triunfo. Saber que estava ali, abrindo a porta pouco a pouco, e ele nem suspeitava das minhas ações, das minhas intenções secretas! Ri-me baixinho a

essa ideia, e ele talvez me tenha ouvido, pois, de súbito, agitou-se na cama, como sobressaltado. Agora o senhor poderia pensar que recuei... Engana-se, porém. O quarto estava escuro como breu, uma escuridão completa — uma vez que, receando os ladrões, o velho fechava os postigos — e sabendo que ele não poderia ver a fresta da porta, eu a alargava aos poucos, cada vez mais.

Introduzi a cabeça e dispunha-me a acender a lanterna quando o polegar me escorregou na chave de estanho e o velho, erguendo-se na cama, bradou:

— Quem está aí?

Não fiz movimento e abster-me de responder. Por uma hora, não movi um músculo e, durante esse tempo, não o ouvi deitar-se. O velho continuava sentado na cama, escutando; justamente como eu fizera cada noite, espreitando o relógio na parede.

Pouco depois, ouvi um gemido surdo e compreendi que fora a manifestação dum terror mortal. Não era um gemido de dor ou de aflição — oh, não! Era o som abafado que sobe do fundo da alma carregada de pavor. Conhecia bem esse som. Mais de uma noite, justamente à meia-noite, quando toda gente dormia, ele partira de meu íntimo, revelando com seu eco assustador os terrores que me atormentavam. Disse que o conhecia bem. Sabia que o velho sofria e compadeci-me dele, embora zombasse disso comigo mesmo. Sabia que ele estava acordado desde o primeiro ruído vago, quando se voltara na cama. Esse receio crescera gradualmente. Ele tentava dizer a si mesmo que nada tinha a temer, mas não conseguia. Dissera decerto: “Não é nada; apenas o vento na chaminé ou um rato atravessando o quarto”. Ou: “Foi o canto dum grilo”. Sim, ele tentava confortar-se a si mesmo com essas suposições, mas tudo em vão. *Tudo em vão*, porque a Morte, aproximando-se, espreitava com sua sombra escura diante dele e envolvia sua vítima. E era a lúgubre influência dessa sombra invisível que o fazia sentir — embora ele não visse nem ouvisse — sentir a presença da minha cabeça no quarto.

Depois de esperar pacientemente muito tempo, não o ouvindo deitar-se, resolvi abrir um pouco — uma fresta pequena, quase imperceptível, na lanterna. Abri-a, pois — não pode imaginar como o fiz furtivamente! — até que, enfim, um raio de luz, tênue como uma teia de aranha, atravessou a fenda e incidiu na pupila de abutre.

Vendo-a aberta — arregalada — senti um assomo de fúria. Enxergava-a distintamente, um azul embaciado, coberto pelo véu que me arrepiava a medula; nada consegui ver do rosto ou do corpo do ancião, pois dirigira o raio de luz precisamente para esse ponto diabólico.

E agora não lhe disse que se engana, qualificando de loucura uma superexcitação dos sentidos? Saiba, pois, que nesse instante me chegou ao ouvido um som rápido e fraco, surdo, como o tique-taque de um relógio enrolado em algodão. Conhecia-o bem. Era a palpitação do coração do velho. Isso me aumentou a raiva, como o rufo do tambor estimula o soldado.

Ainda uma vez refreei a cólera e esperei. Mal respirava; mantive a lanterna

imóvel. Tentei conservar o raio de luz fixo na pupila infernal. Entretanto, a palpitação diabólica crescia. Tornava-se mais rápida, e a cada momento mais forte. O ancião devia estar tomado de um terror extremo! — compreende-me bem? Disse-lhe que sou nervoso: assim é. Ademais, a essa hora morta da noite, no silêncio terrível da velha casa, um ruído estranho como aquele me enchia de um terror desvairado. Dominei-me mais alguns minutos e continuei imóvel. Mas a palpitação tornava-se mais forte, mais audível! Julguei que o coração lhe estalasse. E uma dúvida assaltou-me: algum vizinho poderia ouvir. Soara a hora do velho. Destapei a lanterna com um brado e precipitei-me no quarto. Ele soltou um grito — um só. Num instante, eu o deitei ao chão, fazendo cair sobre ele a cama pesada. Então, sorri alegremente; a proeza fora levada a cabo! Mas, por vários instantes, o coração continuou a pulsar com um som surdo. Isso, porém, não me perturbou; ninguém o poderia ouvir através das paredes. Afinal cessou; o velho morrera. Afastando a cama, examinei-lhe o corpo. Sim, ele estava morto, bem morto! Pousei-lhe a mão sobre o coração e ali a deixei alguns minutos. A palpitação cessara. Ele estava morto. E sua pupila diabólica não me tornaria a perturbar.

Se o senhor ainda me julga louco, compreenderá que se enganou quando eu lhe descrever as precauções que tomei para ocultar o corpo. As horas passavam e eu trabalhava ativamente, mas em silêncio. Em primeiro lugar, esquartejei o cadáver. Cortei-lhe a cabeça, os braços e as pernas.

Depois, levantei três tábuas do soalho, ajeitei tudo no vão e tornei a colocar as tábuas, com tanta habilidade e tanta astúcia que nenhum olhar humano — nem o dele — poderia notar a menor anormalidade. Não havia mais o que limpar — mancha de espécie alguma — nenhum salpico de sangue. Eu fora muito prudente. Uma tina recolhera tudo — ha! ha!

Terminei minha tarefa às quatro horas da madrugada; ainda estava escuro como à meia-noite. Quando o relógio deu as horas, bateram à porta da rua. Fui abri-la com o coração despreocupado, pois que podia recear *agora*? Dei com três homens que se apresentaram gentilmente como oficiais de polícia. Ouvindo um grito durante a noite, um vizinho tinha suposto que podia ser um crime e havia informado o posto policial, que designara aqueles funcionários para revistar a casa.

Sorri — *que* podia recear? Convidei-os a entrar. Quem gritara fora eu mesmo, em sonho. O velho, expliquei eu, estava ausente, no campo. Acompanhei os visitantes por toda a casa. Incitei-os a revistarem-na, e a revistarem bem. Guiei-os, enfim, ao quarto *dele*. Mostrei-lhes os objetos de valor, seguro, imperturbável. Entusiasmado pela minha confiança, levei cadeiras para o quarto e convidei-os a descansarem do trabalho, enquanto eu, com a audácia do triunfo completo, posicionei minha cadeira bem em cima do ponto onde jazia o corpo da vítima.

Os policiais estavam satisfeitos. Meu *comportamento* os convencera. Sentia-me singularmente à vontade. Os visitantes sentaram-se e, enquanto eu respondia jovialmente, passaram a tratar de assuntos banais. Pouco depois, porém, senti que empalidecia e desejei que eles se retirassem. Doía-me a cabeça; um ruído chegou-me aos ouvidos; eles, porém, continuavam sentados, conversando. O som tornou-se mais distinto, foi adquirindo cada vez mais clareza; e eu falava, para me livrar daquela sensação; ela, porém, não cessava e era cada vez mais definida - até

que, enfim, compreendi que não provinha dos meus ouvidos.

Com certeza empalideci horrivelmente; falava com mais fluência, levantando a voz. Todavia, o som se tornava mais forte - que podia eu fazer? Era um *som fraco, rápido e surdo, semelhante ao tique-taque de um relógio enrolado em algodão*. Eu arquejava, e os policiais nada ouviam. Falei mais depressa, com mais veemência; entretanto, o som aumentava. Levantei-me, discutindo sobre qualquer coisa em voz alta, com gestos desordenados; o som continuava a aumentar. Por que eles não se retiravam? Atravessei o quarto de um lado a outro, a passos pesados, como que enfurecido pela observação daqueles homens — mas o ruído crescia. Oh, Deus! Que havia de fazer? Espumava... delirava... praguejava! Apanhando a cadeira em que me sentara, arrastei-a nas tábuas, mas o som sobrepujava tudo e continuava a aumentar. Tornava-se cada vez mais forte, mais poderoso, mais *retumbante*! E os policiais conversavam e sorriam, satisfeitos. Seria possível que eles não ouvissem? Deus todo-poderoso! Não... Não... Eles ouviam, suspeitavam, *sabiam*! — zombavam do meu horror, foi o que pensei e o que continuo a pensar. Tudo seria preferível àquela agonia! Qualquer coisa era mais tolerável do que aquele escárnio! Não podia aturar por mais tempo os sorrisos hipócritas! Senti que devia gritar ou morrer! E então, mais uma vez... escute: mais forte! mais forte! mais forte! *mais forte*!

— Miseráveis! — bradei. — Não precisam mais disfarçar! Confesso o crime! Levantem as tábuas! Ali, ali! É a palpitação de seu coração odioso!

“*The tell-tale heart*”, 1843

(POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017)